

QUEM MATOU O BARÃO HENRIQUE SOBRAL? A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA POLICIAL NA TELENVELA DE GILBERTO BRAGA

WHO DUNNIT? THE STRATEGY OF CREATING THE CRIME GENRE NARRATIVE IN THE SOAP OPERA FORÇA DE UM DESEJO DE GILBERTO BRAGA

Amanda Aouad Almeida 1

Resumo: Este presente artigo apresenta resultados de uma pesquisa sobre a estratégia de criação da narrativa policial na telenovela *Força de um Desejo* (Globo, 1999) de autoria de Gilberto Braga e Alcides Nogueira com direção geral de Mauro Mendonça Filho. Percebe-se que diversas telenovelas utilizam a estratégia da pergunta “quem matou?” gerando curiosidade e audiência, porém, em sua maioria, a resposta frustra o público por revelar o nome do suspeito mais óbvio, ou de alguém que jamais poderia ser suspeito na visão do espectador. A telenovela *Força de um Desejo*, no entanto, destacava-se nesse cenário pelo cuidado na construção e resolução desse mistério, que possuía implicações desde o início da trama e por isso, foi objeto de investigação. Foram definidos conceitos de construção de uma telenovela e de narrativas policiais, analisando a trajetória do roteirista / autor Gilberto Braga e suas oito tramas de assassinato que geraram um mistério só revelado no último capítulo, para enfim, debruçar-se sobre a telenovela *Força de um Desejo*, com uma análise interna detalhada para comprovar a eficácia de sua construção. Levando-se em conta o repertório de telenovelas com esta temática, e analisando em detalhes a trama de *Força de um Desejo*, foi possível demonstrar o quão bem feito foi esse processo.

Palavras-chave: Telenovelas. narrativa policial. Gilberto Braga. *Força de um Desejo*. “Quem matou?”

Abstract: This work presents the results of a study on strategy of creating the crime genre narrative in the soap opera *Força de um Desejo* (Globo, 1999) created by Gilberto Braga and Alcides Nogueira, with general direction by Mauro Mendonça Filho. It is noticed that several soap operas use the strategy of the question “Whodunit?” creating curiosity and hearing, but, in most cases, the answer frustrates the public by revealing the name of the most obvious suspect, or someone who could never be suspected in the vision of the viewer. The soap opera *Força de um Desejo*, however, stood out in this scenario for the care in the construction and resolution of this mystery, which had meaning since the beginning of the plot, reason of this investigation. Concepts were used for the construction of a soap opera and police narratives, analyzing the trajectory of the writer / author Gilberto Braga and his eight assassination plots that generated a mystery only revealed in the last chapter, to finally look into the soap opera *Força de um Desejo*, with a detailed internal analysis to prove the efficacy of its construction. Taking into account the repertory of soap operas with this subject, and analyzing in detail the plot of *Força de um Desejo*, it was possible to demonstrate how well this process was done.

Keywords: Soap Operas. Crime Story. Gilberto Braga. *Força de um Desejo*. “Whodunit?”

Introdução

As narrativas policiais sempre estiveram presentes nos folhetins. Um bom mistério com uma solução revelada apenas no final é uma forma eficiente de entreter leitores diariamente construindo ganchos e curiosidade para sua trama. Uma estratégia comum desde os antigos formatos em rodapés de jornais impressos que se popularizou como o recurso chamado de “Quem matou?” e que migrou para o formato televisivo nas tramas de telenovelas.

Devido à falta de um arquivo mais consistente de tramas em todas as emissoras desde 1958, quando surgiu a primeira telenovela diária, é difícil afirmar qual foi a primeira a utilizar o recurso do “Quem matou?”. O livro de Claudino Mayer afirma ser *Véu de Noiva* (Rede Globo, 1969). Janete Clair utilizou o recurso para resolver a saída do personagem Luciano, já que o ator Geraldo Del Rey pediu para sair da trama. Porém, é sabido que três anos antes, na telenovela *O Sheik de Agadir* (1966), Glória Magadan criou o assassino de codinome Rato, que matou boa parte do elenco para proteger o Sheik do título. A sua identidade só foi revelada no capítulo final da telenovela. Desde então, diversas outras tramas utilizaram o recurso.

A questão é que, observando a recorrência do tema nas telenovelas, vinha uma hipótese de que, na maioria das tramas policiais, a pergunta “Quem matou?” era importante, mas a resposta tendia a se tornar secundária, obtendo um cuidado e esforço menor na resolução do crime. A exceção parecia ser a telenovela *Força de Um Desejo* que nos apresentou uma trama de *serial killer* coerente desde o princípio, sem deixar de ser surpreendente, principalmente pelo perfil da assassina. Bárbara Ventura era o alívio cômico da trama, sua composição de personagem se assemelhava ao bobo da corte, sempre deixado de escanteio, nunca levado a sério.

A ideia original de examinar a qualidade da construção da narrativa policial em *Força de um Desejo* surgiu desta percepção, além do fato de que o enigma “Quem matou?” nesta telenovela era essencial para narrativa e não apenas um acessório de audiência. O assassinato foi um ponto de virada¹ importante na trama e estava diretamente envolvido com a resolução da trama principal e com o final feliz do casal protagonista. Essa estratégia do gênero policial gerou outros programas de efeito para o telespectador, como a construção do medo pela sorte dos protagonistas e não apenas a curiosidade característica da pergunta. E este artigo, procura trazer um resumo crítico dessa extensa pesquisa.

As primeiras tramas

Para confirmar que *Força de um Desejo* trouxe a trama policial mais bem resolvida, é preciso traçar um painel da utilização do recurso “Quem Matou?” em telenovelas. Não todos, que, como já foi dito, seria impossível pela falta de um arquivo preciso. Mas, os mais relevantes. Os que ficaram nos livros e na memória dos telespectadores.

De fato, a primeira vez que a estratégia se tornou uma pergunta nacional, gerando apostas e discussões sobre o tema, foi na telenovela *O Astro* (Rede Globo, Janete Clair, 1978), com a pergunta “Quem matou Salomão Hayalla?”. O público aguardou até o último capítulo para ter a revelação de que foi Felipe o mentor do crime². O sucesso foi tanto que Carlos Drummond de Andrade escreveu no dia seguinte à revelação, em sua coluna de jornal: “Agora que *O Astro* acabou, vamos cuidar da vida que o Brasil está lá fora esperando” (XEXÉO, 2005, p. 18). *O Astro* era um sucesso em vários aspectos, sendo sua audiência bastante consistente. O mistério teria sido um reflexo da repercussão que a telenovela já tinha perante o público.

Janete Clair, que já havia utilizado o recurso em *Véu de Noiva* (1969) sem tanta repercussão, voltaria a usá-lo mais uma vez na telenovela *Pai Herói* (1979), com a pergunta “Quem matou César?”, e aqui ela percebeu novamente o poder do recurso que criara. Buscando inovar

1 Ponto de virada “é um incidente, ou evento, que ‘engancha’ na ação e a reverte noutra direção” (FIELD, p. 101). Semelhante ao que Aristóteles chamou de peripécia, a diferença é que para este era necessário haver uma mudança de fortuna para o protagonista, enquanto Field demonstrou que bastava existir algo que complicasse a situação para fazer a narrativa andar.

2 A trama ganhou nova versão no remake da telenovela, produzido pela Rede Globo e exibido às 23h de terça a sexta-feira entre 12 de julho e 28 de outubro de 2011, totalizando 64 capítulos. E nesta, a assassina foi Clô Hayalla, interpretada por Regina Duarte.

mais uma vez, a “Nossa Senhora das Oito”, como era chamada, terminou a trama sem revelar o nome do assassino, pois queria que os telespectadores montassem seu próprio final. O público não aceitou bem a novidade e enviou diversas cartas à emissora reclamando da falta do resultado. Um grupo de metalúrgicos chegou a dizer que tinha feito um bolão e agora não podia entregar o prêmio ao vencedor. No domingo seguinte, Janete Clair teve que ir ao *Fantástico* contar a todos quem havia sido o assassino³.

Dentro do time de autores consagrados das 21 horas da Rede Globo, a única que parece nunca ter usado a estratégia do “Quem matou?” foi Glória Perez, curiosamente, uma das discípulas de Janete Clair, tendo chegado a terminar a telenovela *Eu Prometo* (1983) após a morte da autora. Aguinaldo Silva, que hoje considera a estratégia ruim, chegando a declarar que “Quando o autor não tem mais nenhum recurso, usa o ‘Quem matou?’”, já o utilizou em *Tieta* (Globo, 1989), além de ter participado da elaboração de uma das tramas de um dos assassinatos mais famosos das telenovelas: “Quem matou Odete Roitman?”⁴. Em *Fina Estampa* (Rede Globo, 2011), Silva anunciou uma espécie de “Quem matou?” diferente. No dia 02 de setembro, em seu *Twitter* oficial, o roteirista/autor escreveu: “Acabei de escrever cenas do crime na mansão Velmont. Não, eu não vou fazer um quem matou, vocês sabem que eu acho isso uma pobreza. O público saberá quem matou, os personagens é que não”⁵.

Benedito Ruy Barbosa também utilizou o recurso em *O Rei do Gado* (Globo, 1996) em duas tramas diferentes. O motorista Ralf, amante de Léia Mezenga (Sílvia Pfeifer) é assassinado em um motel, gerando suspeitas sobre seu marido, Bruno Mezenga, o Rei do Gado. A trama policial é desenvolvida com o surgimento de detetives e julgamento do crime, onde o filho do casal, Marcus, acaba confessando a autoria do mesmo. Porém, acabamos sem saber “Quem matou o senador Caxias?”, pois o propósito ali era outro. Barbosa queria apenas denunciar o risco que corria um senador honesto no Brasil. Já em *Esperança* (Globo, 2002), a pergunta do “Quem matou Martino?”, personagem vivido por José Mayer, também acabou sem resposta e não houve grande repercussão sobre isso.

Braulio Pedroso também inovou no gênero ao criar em *O Rebu* (1974, Rede Globo) não apenas a pergunta “Quem matou?”, mas também a pergunta “Quem morreu?”, estratégia que Sílvio de Abreu tentou repetir na telenovela *Passione* (2010), deixando o mistério durante um capítulo sobre o nome da vítima, que seria o personagem Saulo. Não por acaso, o autor é um dos que mais utiliza a fórmula do enigma, já tendo feito uma telenovela quase exclusivamente dedicada ao gênero policial, *A Próxima Vítima* (1998). Esta é a telenovela mais próxima do gênero Policial-enigma em seus moldes clássicos, tendo inclusive a figura do detetive como personagem de destaque. Na maioria das telenovelas, não há um detetive como personagem forte dentro da trama policial. Normalmente, é a polícia comum que investiga o crime e os atores que interpretam os agentes policiais aparecem apenas na hora da investigação. Esta característica acaba indo de encontro com o que Sandra Reimão aponta como características dos romances policiais brasileiros. Segundo a autora, há uma descrença na eficácia do sistema judiciário penitenciário no país, o que acaba propiciando o crescimento da temática do crime impune.

A crítica à polícia enquanto instituição e a denúncia de falhas no sistema judiciário, constantes em nossa literatura policial enigma, faz também com que boa parte da literatura policial brasileira se situe de maneira diversa dos clássicos do gênero que são narrativas “delimitadoras de culpabilidade”. (2005, p. 40)

Mesmo em telenovelas, alguns crimes ficaram impunes como em *Tieta* (Rede Globo, Aguinaldo Silva, 1989), quando o assassino de Arturzinho, que foi o próprio pai, Artur da Ta-

3 A fonte para esse caso é o próprio vídeo do programa *Fantástico* da Rede Globo, exibido em agosto de 1979. Vídeo encontrado no site YouTube: <http://www.youtube.com/watch?v=uq1t1NGJrSw> Acesso: período de junho a dezembro de 2011.

4 Aguinaldo Silva era co-autor da trama de *Vale Tudo* (1988), criada por Gilberto Braga.

5 No capítulo 55, exibido no dia 24 de outubro de 2011, a personagem Tereza Cristina derrubou da escada um mafioso que a ameaçava, gerando um suspense entre os personagens que quem o teria matado.

pitanga, não foi punido. Assim como Leila, a assassina de Odete Roitman em *Vale Tudo* (Rede Globo, Gilberto Braga, 1988) fugiu do país sem ser descoberta. Ou ainda o já citado assassinato do senador Caxias em *O Rei do Gado* (Rede Globo, Benedito Ruy Barbosa, 1996), que ficou sem solução. Assim como em *Pai Herói* (Rede Globo, Janete Clair, 1979), onde nem o público ficou sabendo quem matou César.

Esse fenômeno aumenta também o número de histórias onde há a presença de suspeitos-detetives e grupos de amigos que ajudam na investigação. Assim, pouco se observa em telenovelas a presença de personagens como Dupin (de Alan Poe), Sherlock Holmes (de Arthur Conan Doyle) ou Hercule Poirot (de Agatha Christie). Um dos motivos dessa ausência é a óbvia pouca utilização das estratégias do Policial-enigma, onde o detetive reina absoluto, ou como no Policial-suspense, em que o detetive vulnerável, apesar de em risco, é personagem-chave. Além, claro, das estratégias do Policial *noir*, em que o detetive é o fio condutor da história. Outra questão seria o fato de que, como a maioria das tramas policiais acontece no final da telenovela, a construção de empatia com o personagem fica comprometida e, à maioria das vezes, nem chega a ser desenvolvida.

É interessante observar que os detetives mais famosos são construídos de maneira cômica, como Mário Fofoca, da telenovela *Elas Por Elas* (Cassiano Gabus Mendes, 1982), que era um detetive atrapalhado vivido por Luís Gustavo. O personagem fez tanto sucesso que foi homenageado no *remake* de *Tititi* em 2010 com o seu retorno a uma trama, sendo interpretado pelo mesmo ator. Por fim, a principal característica do Policial-suspense suspeito-detetive, o gênero policial mais utilizado em telenovelas, é de a própria vítima se transformar em um detetive informal para provar sua inocência. O detetive, neste caso, representa, na maioria das vezes, a figura da lei estabelecida e se transforma em um antagonista do herói, agindo de maneira arbitrária.

Gilberto Braga

Gilberto Braga é um renomado roteirista/autor da Rede Globo, principal produtora de telenovelas do país. Dentro da grade de programação da emissora, o horário de maior audiência e, conseqüentemente, maiores anunciantes publicitários é o da telenovela das 21h (antes conhecido como horário das 20h). Braga faz parte do rodízio de autores dessa faixa horária desde 1978, quando estreou *Dancin' Days*, tendo apenas um intervalo entre 1994 e 2003, quando foi para o horário das 18h com a telenovela *Força de um Desejo*. Suas tramas possuem alguns temas recorrentes como a disputa por poder e a discussão política, cultural e social sobre o país, além da facilidade em construir a vilania através de personagens marcantes na história da teledramaturgia como Odete Roitman (Beatriz Segall) e Maria de Fátima (Glória Pires) em *Vale Tudo*, 1988; Yolanda de Souza Matos Pratini (Joana Fomm, *Dancin' Days*, 1978), Laura Prudente da Costa (Cláudia Abreu, *Celebridade*, 2003) e Renata Dumont (Tereza Rachel, *Louco Amor*, 1983). E mesmo em uma telenovela de época como *Força de um Desejo* é possível perceber esses elementos presentes.

Suas telenovelas giram sempre em torno de perguntas ligadas ao país, discutindo questões sociais, econômicas e políticas. E já utilizou a fórmula do “Quem matou?” nove vezes: nas telenovelas *Água Viva* (Globo, 1980), *Vale Tudo* (Globo, 1988), *Força de um Desejo* (Globo, 1999), *Celebridade* (Globo, 2003), *Paraíso Tropical* (Globo, 2008), *Insensato Coração* (2010) e *Babilônia* (2015) – além das minisséries *Anos Dourados* (Globo, 1984) e *Labirinto* (Globo, 1998). A utilização do enigma policial em suas tramas, no entanto, não parece ser apenas uma estratégia narrativa usada para gerar expectativa e aumentar a audiência. A pergunta parece ter se tornado uma de suas marcas autorais e uma forma de dialogar com o público sobre os problemas atuais, ancorada em duas situações recorrentes: a vítima é comumente alguém ligada a alguma instância de poder e, por vezes, ao vilão da história; e o protagonista da trama se torna sempre um dos principais suspeitos, desestruturando sua vida e sendo preso ou ameaçado de condenação.

Como disputas de poder são frequentes nas tramas de Gilberto Braga, o crime acaba envolvendo um dos alicerces temáticos da história, ou seja, a forma de discutir questões so-

ciais e políticas ligadas ao país. A estratégia encontrou em *Vale Tudo* (Rede Globo, 1988) o seu ápice. A personagem Odete Roitman era o símbolo do sistema político e econômico implantado no Brasil, construída como uma vilã cruel e preconceituosa, mesmo antes de aparecer na tela⁶. Quando essa personagem-chave é assassinada no capítulo 193, o que está em jogo ali não é apenas um assassinato de uma personagem de telenovela, mas, sim, toda uma estrutura que a empresária representava. “Ao discutir quem matou Odete Roitman, a poderosa mulher de negócios e vilã, telespectadores travaram uma discussão sobre corrupção política e de classe no Brasil da época”, afirma Hamburger (2005, p. 116). A pergunta “Quem matou Odete Roitman?” tornou-se mais importante do que a resposta. Ainda que a morte de outros empresários importantes como Lineu Vasconcelos (*Celebridade*, Rede Globo, 2003) ou Miguel Fragonard (*Água Viva*, Rede Globo, 1980) tenham causado impacto na trama e em discussões entre telespectadores, não houve outra pergunta que gerou tanta curiosidade e repercussão quanto aquela.

Já a estratégia do mocinho da trama ser o principal suspeito do crime, é uma forma de envolver a audiência emocionalmente com o crime. O protagonista da telenovela, o herói da história com quem o público cria empatia, ser suspeito de um crime coloca em risco o seu futuro e esperado final feliz. Logo, descobrir quem é o assassino é uma maneira de garantir a felicidade de personagens e telespectadores. É comum o herói ou heroína de Gilberto Braga ir parar atrás das grades. Foi assim desde a sua primeira história de crime na telenovela, quando, em *Água Viva* (1981), o personagem de Reginaldo Faria se tornou um dos principais suspeitos da morte do irmão. Em *Celebridade* (Rede Globo, 2003) temos o assassinato de Lineu Vasconcelos, o empresário cultural responsável pelas empresas de entretenimento em torno das quais giravam a trama central que discutia o mundo da fama. E uma das principais suspeitas foi Maria Clara, personagem de Malu Mader, que chegou a ser presa em determinado momento.

As duas estratégias acontecem mesmo nos casos em que parecem exceções. Em *Vale Tudo* (Rede Globo, 1988), onde a morte da empresária Odete Roitman não gerou desconfiança direta à mocinha da trama central, Raquel acaba se acusando em determinado momento para proteger sua filha, Maria de Fátima, vilã da história e verdadeira suspeita. Já em *Paraíso Tropical* (Rede Globo, 2007), a morte de Taís Grimaldi, que aparentemente não tinha relação com o tema do poder da trama central, se revelou intrincada com ela, já que o seu assassino, Olavo, a teria matado para que ela não revelasse que Ivan era filho de Agenor, empresário do ramo de hotelarias, um dos pontos centrais dessa trama. Sua morte, então, teve uma motivação financeira. Ou seja, o mistério acaba, na maioria das vezes, desestabilizando a situação econômica e política da trama central, gerando discussões e questões para além dela. E, mais uma vez, a mocinha Paula foi acusada da morte da irmã, sendo também presa.

Mas, se todas essas tramas de Gilberto Braga são, aparentemente, bem desenvolvidas, ligando poder e ataque ao protagonista, por que afirmar que apenas em *Força de um Desejo* o autor construiu uma narrativa consistente desde o princípio da trama? Várias questões embasadas na discussão até aqui precisam ser destrinchadas para responder a essa pergunta, a começar pelo impacto reverso. Na maioria das tramas policiais, não apenas nas de Gilberto Braga, a pergunta é importante. Ela gera a curiosidade e a audiência. Esse recurso fácil, criticado por Aguinaldo Silva, torna, segundo Hitchcock (TRUFFAUT, 2004), a trama em si carente de emoção. E a questão é que, ao ser dada a resposta, o público não pode se sentir traído pelo autor, seja por revelar o nome do suspeito mais óbvio, ou de alguém que jamais poderia ser suspeito na visão do espectador. Ambos causam frustração e ambos são os mais comuns em telenovelas, mesmo nas tramas de Gilberto Braga.

As tramas de Gilberto Braga

Para compreender melhor as frustrações do público diante de uma pergunta bem feita e uma resposta pouco elaborada, vamos relembrar as tramas policiais escritas por Gilberto Braga em diversas parcerias a depender da telenovela em que se encontrava. Desta forma, será

⁶ A personagem só aparece no capítulo 28, sendo apenas citada por outros personagens até esse momento. Tudo isso cria uma expectativa extrema com a sua figura.

possível uma comparação mais consistente com a telenovela *Força de um Desejo*.

Quadro 1. Telenovelas de Gilberto Braga com Quem Matou?

TELENOVELA	AUTORIA	DIREÇÃO GERAL	DATA	CAPITULOS	EXIBIÇÃO
Água Viva	Gilberto Braga, com colaboração de Manoel Carlos	Roberto Talma	04/02 a 09/08/1980	159	Rede Globo, às 20h
Vale Tudo	Gilberto Braga, com colaboração de Aguinaldo Silva e Leonor Bassères	Dennis Carvalho	16/05/1988 a 06/01/1989	203	Rede Globo, às 20h
Celebridade	Gilberto Braga, com colaboração de Leonor Bassères e Ricardo Linhares	Dennis Carvalho e Marcos Schechtman	13/10/2003 a 26/06/2004	221	Rede Globo, às 21h
Paraíso Tropical	Gilberto Braga e Ricardo Linhares	Dennis Carvalho e José Luiz Villamarim	05/03 a 29/09/2007	179	Rede Globo, às 21h
Insensato Coração	Gilberto Braga e Ricardo Linhares	Dennis Carvalho e Vinícius Coimbra	17/01 a 29/08/2011	185	Rede Globo, às 21h

Fonte: Site Memória Globo ⁷

Água Viva

Água Viva trouxe o misterioso assassinato do personagem de Raul Cortez, Miguel Fragonard, famoso cirurgião plástico que tem um meio-irmão problemático, chamado Nelson, vivido por Reginaldo Faria. Entre outros pontos da trama, os dois irmãos disputam o amor da mesma mulher, a interesseira Lídia (Betty Faria). Quando Fragonard é morto, todos, inclusive Lídia, acreditam que Nelson é um forte suspeito. Em uma investigação minuciosa, o Delegado Rômulo Siqueira (Ênio Santos) descobre que o verdadeiro assassino foi o empresário Kléber Simpson (José Lewgoy), grande amigo da vítima. O motivo do crime, no entanto, tinha relação com Nelson. Kléber teria usado o rapaz como testa de ferro em uma negociata financeira para que não fosse à falência. Dono de cinco empresas com problemas, ele transferiu todas as dívidas para uma que vendeu para Nelson, quando o problema veio a público, o rapaz foi à falência e ficou com estigma de perdedor. Miguel descobriu a falcatura de Kléber e ia denunciá-lo, por isso, este o matou. Apesar da surpresa do nome do assassino, há também a surpresa da existência dessa trama, que ficou escondida do público. Agora, o que chama a atenção negativamente no caso da revelação do assassino em Água Viva é a direção de cena. Há uma construção de uma estrutura esquemática, lembrando os Policiais-enigma clássicos, onde o detetive reúne interessados em uma sala para fazer a revelação. Porém, a direção peca ao utilizar o zoom da câmera em excesso, construindo um conjunto de imagens confusas que incomoda a quem assiste.

Analisando a história das telenovelas brasileiras, o mistério foi construído dois anos apenas após a repercussão do “Quem matou Salomão Hayalla?” e um ano depois do “Quem matou César?” em *Pai Herói* (1979), que causou toda aquela frustração da falta de resposta durante o último capítulo. Talvez o desgaste do uso do recurso de mistério também tenha enfraquecido sua repercussão. Mesmo em artigos ou livros acadêmicos, é difícil encontrar referências da repercussão da trama, sendo sempre citado como apenas mais um “Quem matou?” da história das telenovelas. Manoel Carlos chegou a declarar nas páginas amarelas da *Revista Veja* que “é

⁷ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/>. Acesso em: 04 nov. 2020.

ingênuo acreditar que as pessoas acompanham uma novela apenas para saber quem matou Miguel Fragonard. O próprio autor sabe que lida com segredos de polichinelo” (XEXÉO, 1981)⁸.

O mesmo Gilberto Braga admite que a trama policial de *Água Viva* era “bastante precária” (BERNARDO, 2009, p. 96). Isso não quer dizer que o mistério tenha sido totalmente inválido. Segundo o site Memória da TV, o crime estava programado para acontecer no trigésimo capítulo, mas foi adiado para “um pouco antes do final da novela, para se criar um mistério com a pergunta “Quem matou Miguel Fragonard?”, que ajudou a manter o alto índice de audiência”⁹, demonstrando que a estratégia pode ser eficiente mesmo quando a trama não é bem desenvolvida e não tem uma resolução satisfatória. Mas é importante ressaltar que o aumento do índice da audiência de *Água Viva*, no entanto, não foi tão significativo no contexto geral das audiências do horário. Tanto que a novela seguinte, de Janete Clair, bateu a audiência de sua antecessora, com facilidade, mesmo não sendo das novelas mais vistas da autora¹⁰.

Vale Tudo

Em *Vale Tudo* (Globo, 1988), exibida oito anos após *Água Viva*, era preciso dar um fim à personagem Odete Roitman. A empresária, uma das principais vilãs da trama, já havia feito mal a boa parte do elenco. Leonor Bassères disse em entrevista (MAYER, 2010) que a escolha do assassino de Odete Roitman partiu de uma conversa entre os autores da telenovela *Vale Tudo* (Rede Globo, 1988) sobre o fim da personagem. Odete não poderia ter um final feliz, segundo a escritora, mas ser presa seria irreal para uma telenovela que discutia a realidade brasileira. Ser morta por vingança era muito moralista. Então, ser morta por engano era a solução mais irônica e interessante. Vista por este ângulo, era realmente uma boa solução, o problema era como construir uma narrativa, fazendo o público não se considerar traído por isso. Afinal, uma boa trama policial tem que deixar pistas para que o espectador possa desvendar o mistério e se sinta desafiado a isso. Mas como desvendar algo que está completamente encoberto como o fato de que o assassino não queria matar Odete Roitman (Beatriz Segall), e, sim, Maria de Fátima (Glória Pires)?

A personagem Leila, de Cássia Kiss, descobriu momentos antes do assassinato que Maria de Fátima estava tendo um caso com seu marido, Marco Aurélio, vivido por Reginaldo Faria, e foi ao apartamento da empresária achando que os amantes estariam lá no momento. Porém, Marco Aurélio estava com Odete, discutindo um problema nas empresas TCA. Acontece que nada disso foi exposto ao público durante as duas semanas em que o crime foi investigado, era impossível alguém supor isso, poderia até mesmo supor que Leila havia matado a empresária, mas o motivo seria defender o esposo acusado de corrupção, já que nenhum indício da descoberta do caso de Fátima havia sido dado ao telespectador. Este é o problema da narrativa mal estruturada, ela engana o público em vez de brincar com ele, como se o único objetivo fosse fazer com que ninguém descobrisse a resposta certa. No entanto, não podemos negar que a repercussão da pergunta, como já dito, é até hoje sem igual na história da teledramaturgia. E a forma como a direção de Dennis Carvalho compôs esse mistério tem méritos, assim como a condução narrativa dos autores e a interpretação dos atores.

Odete Roitman foi morta em seu apartamento, um flat que tinha apenas para manter seus amantes, e que se tornou sua morada após a briga com a família, quando esta descobriu várias coisas erradas que fizera, inclusive colocar a culpa da morte de seu filho em sua filha Helena (Renata Sorrah), quando na verdade fora ela quem dirigia o carro que sofrera o acidente fatal. A empresária também acabara de descobrir que Marco Aurélio, seu braço direito nos negócios, estava roubando dinheiro da empresa há anos. Vemos a cena da discussão dos dois, corta para várias cenas rápidas, depois só vemos três tiros e a notícia de que ela fora assassinada. Em uma cena mais adiante, a personagem Helena Roitman chega a dar a pista ao telespectador: “Qualquer um poderia ter matado, pode ter sido vingança, pode ter sido assalto,

8 Manoel Carlos foi colaborador de Gilberto Braga em *Água Viva*.

9 <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYP0-5271-226200,00.html>

10 A telenovela *Coração Alado* deu média de 83 pontos de audiência, segundo a revista *Veja* de 20 de agosto de 1980, índice que *Água Viva* só atingiu na noite em que Miguel Fragonard foi assassinado.

pode ter sido engano, pode ter sido qualquer um” (capítulo195). Mas, daí a poder seguir um raciocínio e chegar à conclusão de que fora Leila, é uma diferença imensa.

A investigação de pouco mais de uma semana foi liderada pela polícia do Rio de Janeiro, que aceitou as provas forjadas por Marco Aurélio em parceria com César Ribeiro (Carlos Alberto Riccelli) para incriminar Maria de Fátima. Por outro lado, a maioria dos personagens, apesar de não acreditar na culpabilidade de Fátima, só tinha como suspeito César, que fora amante da empresária. Maria de Fátima, por sua vez, não teve a iniciativa de provar sua inocência, apesar de jurar não ter matado Odete Roitman, sua única atitude era querer fugir do país, o que acabou incriminando-a ainda mais e a levando para cadeia, de onde só saiu porque sua mãe assumiu a autoria do crime que, também, não cometeu. O fato é que, em *Vale Tudo*, a investigação ficou em segundo plano na narrativa, havia poucos esforços para descobrir de fato quem tinha assassinado a dona da TCA. Se não fosse a necessidade da audiência em saber a resposta, talvez, a cena em que Leila confessa o crime para os amigos Bartolomeu e Eunice nem tivesse acontecido.

Em *Vale Tudo*, também existe um problema recorrente nas tramas de assassinato em telenovelas. Minutos antes do crime, vários personagens saem de casa em atitude suspeita, apenas para aumentar a lista de possíveis assassinos. Vale ressaltar que, em nenhum momento após a revelação, é explicada essa atitude que serve puramente para desviar a atenção do telespectador. Mais à frente, veremos que em *Força de um Desejo*, nem isso acontece, tornando a trama ainda melhor elaborada.

Mas, se a pista falsa irrita o telespectador, frustrando-o por não poder ter deduzido o crime, a revelação óbvia também frustra ao não demonstrar criatividade por parte dos autores. Há sempre uma premissa de que o público espera que o suspeito óbvio seja inocente no final, revelando alguém que estivesse aparentemente acima de qualquer suspeita, mas, ao ser explicado os motivos, acaba sendo não apenas coerente, como dá a sensação de que estava ali, apenas esperando para ser descoberto pelo público. Não há emoção em descobrir que o vilão da telenovela era o responsável pelo assassinato, por exemplo. Foi o que aconteceu nos dois crimes seguintes das telenovelas de Gilberto Braga.

Celebridade

Em *Celebridade* (Globo, 2003), o autor estava retornando ao horário das 21 horas após ter sido trocado de horário em 1999 para escrever *Força de um Desejo*. A telenovela precisava ser sucesso e Braga se empenhou em repetir fórmulas seguras para que nada desse errado. “Passaram a minha vez duas vezes seguidas e eu achei que, quando acabasse meu contrato, eu estaria na rua”, afirmou Gilberto Braga (FIUZA, 2008, p. 397). Veio novamente a utilização do “Quem matou?”, agora a vítima era Lineu Vasconcelos (Hugo Carvana), presidente do Grupo Vasconcelos, que editava a revista Fama e principal patrocinador da empresa de eventos de Maria Clara Diniz, vivida por Malu Mader. Por problemas amorosos, a filha do empresário briga com Maria Clara e exige que o pai pare de apoiá-la, passando a financiar a carreira de outra promotor, Laura Prudente da Costa (Cláudia Abreu), vilã da trama que queria destruir Maria Clara. Quando Lineu é morto, as suspeitas recaem sob Maria Clara e, após meses de mistério, o público descobre que quem matou foi a vilã Laura. A falta de criatividade frustrou o público. A única surpresa foi saber que Lineu já sabia a verdade sobre a autoria da música e a vilã o teria matado para que ele não desse fim às provas de que Ubaldo era o autor de “Musa do Verão”.

Paraíso Tropical

Já em *Paraíso Tropical* (Globo, 2008), o assassino de Taís Grimaldi (Alessandra Negrini) também foi o vilão da trama, Olavo, vivido por Wagner Moura. A surpresa aqui seria o motivo. Olavo ambicionava a rede hoteleira de seu tio Antenor (Tony Ramos), que sempre o desprezava. O empresário havia perdido seu único filho e tinha como braço direito nos negócios o antigo amigo e filho do caseiro de sua residência em Angra dos Reis. O que Antenor não sabia era que tinha um filho bastardo, Ivan (Bruno Gagliasso), meio-irmão de Olavo. O vilão pensou

em um golpe, fazendo Ivan assinar um testamento em seu nome e iria assassiná-lo quando Taís descobriu a verdade. Para não estragar seus planos, Olavo matou Taís. Aqui, mais uma vez, o público foi furtado de informações essenciais para descobrir a verdade. A única pista foi Olavo realmente pedir a Ivan para assinar um testamento em seu nome uma semana antes do crime.

Em um texto enviado para lista de discussão de telenovelas do Yahoo, cujo título era: “O triste fim de *Paraíso Tropical*”¹¹, um dos participantes argumentou que “As novelas não surpreendem mais, os autores são incapazes de produzir finais criativos”. E ainda completou dizendo que “O anticlímax de *Paraíso Tropical* não foi o primeiro. *Celebridade*, de novo de Gilberto Braga, revelou no último capítulo que Laura (Cláudia Abreu) era a assassina de Lineu (Hugo Carvana)”. Apesar da frustração do público, a explicação para o assassinato era bem construído, com um elemento surpresa coerente. Não por acaso, Gilberto Braga considera a trama policial e desfecho de *Paraíso Tropical* superior a das demais escritas por ele (Bernardo, 2009).

Porém, tanto *Celebridade* quanto *Paraíso Tropical* tinham outra coisa em comum que não apenas o assassino ser o vilão. Ambos eram estratégias visíveis de Policial-suspense suspeito-detetive. Quando Lineu é assassinado, as suspeitas da polícia recaem sob Maria Clara Diniz, que havia perdido o apadrinhamento do empresário. A mocinha da trama chegou a ser presa e recebeu a visita da vilã Laura na cadeia, que comemorou a vitória. Logo depois, as suspeitas recaem sob Fernando, genro de Lineu e apaixonado por Maria Clara. Os amigos do casal se uniram para descobrir o verdadeiro assassino e salvar ambos. Tanto que, no último capítulo, Laura acaba confessando o assassinato para Fernando (Marcos Palmeira), pouco antes de morrer. Já em *Paraíso Tropical*, Taís Grimaldi é morta no apartamento de Paula e Daniel (Fábio Assunção), o casal principal da trama, que se torna suspeito do crime. Principalmente Paula, a irmã gêmea que já havia sido prejudicada diversas vezes por Taís. Daniel se torna o verdadeiro detetive da trama, bolando, inclusive, formas de investigar pistas em uma *lan house* e fazer gravações escondidas.

Insensato Coração

Em *Insensato Coração* (2011), o mistério não teve tempo de existir. Norma, personagem de Glória Pires, foi assassinada na última semana, na terça-feira, e várias revistas já apontavam Wanda como assassina. Na verdade, antes mesmo da telenovela ir ao ar, já era anunciada a existência do crime, porém, a vítima seria Léo, personagem de Gabriel Braga Nunes, e a personagem de Glória Pires seria a suspeita, já que a trama girava em torno de sua vingança contra o personagem. A virada na trama foi interessante, mas teve pouco tempo para se desenvolver, não gerando repercussão. E como já era anunciado que Wanda (Natália do Vale) mataria Norma para proteger o filho, a dedução acabou sendo lógica e simples. Aqui, mais uma vez, vários personagens passaram pela cena do crime, com atitudes suspeitas apenas para criar pistas falsas.

Força de um Desejo

Parece, então, que foi apenas em *Força de um Desejo* que Gilberto Braga trouxe uma trama envolvente, coerente e surpreendente desde os primeiros capítulos. A trama do assassinato do Barão Henrique Sobral não teve a repercussão de outros assassinatos famosos durante a exibição da telenovela, a pergunta não foi tão importante naquele momento do país – supõe-se que em muito devido ao horário da trama e à audiência da mesma¹². Porém, o tempo demonstrou que, apesar da pergunta não importar tanto ali, a resposta possuía um grande

11 Lista de discussão do site Yahoo Teledramaturgia. Mensagem enviada no dia 03 de outubro de 2007.

12 Dentro da dinâmica de funcionamento da Rede Globo de Televisão, esse horário é menos visado que o horário das 21 horas, causando menos impacto na mídia em geral e menos repercussão diária. Este fato poderia influenciar de alguma forma a construção da narrativa, gerando menos pressão interna, mas não haveria como afirmar que, se estivesse sendo exibida no horário das 21 horas, o resultado seria distinto. Analisando a boa organização da trama desde o início da telenovela, é possível acreditar que neste horário, talvez, a repercussão positiva fosse maior, mas também são apenas conjecturas.

impacto perante o público. Diversos fóruns em redes sociais citam o assassinato do Barão Henrique Sobral como o melhor elaborado dentro de uma telenovela. O blog Trocando de Canal, do jornalista Erick Rodrigues¹³, tem um *post* analisando todos os assassinatos de Gilberto Braga com o título *Gilberto Braga não resiste*. Ao falar de *Força de um Desejo*, Rodrigues afirma que “O mistério mostrou uma trama muito bem arquitetada e resultou na melhor novela de época já feita até hoje!”.

Na lista de discussão de novelas do Yahoo, os participantes discordam em alguns pontos de análises de juízo de valor em relação aos “Quem matou?”. Alguns, por exemplo, gostam do resultado de *Vale Tudo*, enquanto outros consideram frustrante. Mas, quando é citado o final de *Força de um Desejo*, todos costumam concordar. “A explicação foi toda ilustrada com cenas da própria novela, isso que foi o mais incrível na época [...] Foi tudo muito bem armadinho, genial!”, declarou um participante da lista do Yahoo em outubro de 2010, quando surgiu o assunto de melhores “Quem matou?” (participante A). Discutindo a morte de Taís, em 2007, outro participante questionou: “Será que algum dia ainda veremos um “Quem Matou?” tão bem conduzido e bem arquitetado como foi o “Quem matou o Barão Henrique Sobral?” (Esse, para mim, foi o melhor ‘Quem matou?’ que eu já vi, no final tudo ficou muito bem explicado).” (participante B).

Força de um Desejo parece preencher todos os requisitos de um bom gênero policial. Há aqui o enigma bem realizado, a surpresa da revelação coerente que já tinha pistas desde o princípio, o problema do suspeito-detetive que movimentou boa parte da trama do personagem Inácio, protagonista da telenovela, e a pouca utilização de pistas falsas, aquelas implantadas apenas para confundir o espectador.

A solução da trama policial de *Força de um Desejo* destaca-se pelo grau de elaboração do crime que se revelou *serial* e não apenas uma morte, além da surpresa do nome do assassino, que se demonstrou totalmente plausível e comprovado através de cenas da própria trama. Analisando os 226 capítulos da telenovela, é possível perceber as pistas deixadas desde os primeiros capítulos, tornando a trama coerente, ao mesmo tempo em que é surpreendente.

A sinopse da telenovela foi desenvolvida por Alcides Nogueira, outro roteirista/autor da Rede Globo. Apresentada à direção da emissora em 1989, ficou dez anos esquecida até que Gilberto Braga, escalado para o horário das 18h, resolveu resgatá-la. Nogueira, na época, estava trabalhando como coautor da telenovela *Torre de Babel* (Rede Globo, 1998), de Sílvio de Abreu, e não participou do processo inicial da criação da telenovela. Quando ele ingressou no grupo, aceitou ser apenas colaborador, já que ela já estava adiantada. O assassinato do Barão Henrique Sobral e as mortes anteriores, do Médico Xavier e do padre Olinto, já estavam descritas na sinopse da telenovela, porém, algumas mudanças tanto no assassinato em si, quanto, principalmente, tudo o que se desenrola depois disso é bastante diferente do que foi ao ar. Na sinopse¹⁴, Ester e Inácio iriam desconfiar um do outro, e o rapaz chegaria a se alistar no exército, participando da Guerra do Paraguai. Gilberto Braga alterou boa parte da trama policial, supondo-se também que possa ter reestruturado o próprio assassinato e o verdadeiro culpado.

Apesar de uma trama policial bem surpreendente, *Força de um Desejo* é um melodrama clássico, com mocinhos, vilões, disputas familiares, amores proibidos e defesa da honra. Valores talvez pouco atrativos para o ano de 1999, véspera do século XXI, onde as tramas procuravam se aproximar de um texto mais cotidiano e condizente com a época. Daniel Filho chegou a afirmar que o problema de *Força de um Desejo* talvez fosse o momento em que foi exibido. Anos antes, talvez fosse um sucesso. Interessante perceber que, em 2005, quando foi reprisada, ela de fato atingiu o reconhecimento público¹⁵, demonstrando que este é um

13 <http://trocandodecanal.blogspot.com/2011/08/gilberto-braga-fez-mais-uma-vitima.html> Acesso: agosto e setembro de 2011

14 O próprio roteirista / autor, Gilberto Braga cedeu para nossa pesquisa a sinopse original da telenovela, que pôde ser lida e comparada com o que foi ao ar.

15 Segundo a página do Wikipédia: “Originalmente, a reprise ficaria no ar até dezembro de 2005. Graças à boa audiência da trama, que subiu para a casa dos 20 pontos, “Força de um Desejo” foi esticada até meados de

processo cíclico.

Força de um Desejo é uma trama de época, ambientada no século XIX, que narra a história de duas famílias e duas fazendas produtoras de Café: a Ouro Verde, do Barão Henrique Sobral, e a Morro Alto, de Higino Ventura, ex-mascate que retorna à terra onde nasceu após enriquecer com o intuito de se vingar de Sobral, seu desafeto no passado. Quando ainda era jovem, Higino se apaixonou por Helena, mas a família proibiu o romance, arranjando o casamento da filha com o barão Sobral. Ao retornar, Higino quer comprar tudo o que pertence à família do desafeto para mostrar que ele acabou sendo o vencedor. Apesar de estar casado com Bárbara e ser pai da jovem Alice, o ex-mascate ainda é apaixonado por Helena e sonha reconquistá-la. O que Higino não sabe é que o casamento de Sobral com Helena é apenas de fachada, porque o Barão descobriu que sua esposa o traiu com o amante do passado e este é o verdadeiro pai de Abelardo, filho caçula do casal. Por isso, Sobral trata a esposa de uma forma agressiva e desrespeitosa, sem perceber que após esses anos, ela acabou se apaixonando por ele, esquecendo o amante.

Desde o princípio, a guerra entre a família Sobral e Ventura é declarada, principalmente pela disputa de terras usadas para escoamento do café. Para chegar à estrada, o café dos Sobral precisa passar pelas terras dos Ventura, o que dá início a uma disputa que dura toda a telenovela. Paralelo a isso, Inácio, o filho mais velho de Sobral e Helena, não aceita a forma como o pai trata a mãe, rompe com a família e vai para corte. Lá conhece a cortesã Ester Delamare, por quem se apaixona e com quem vive uma grande história de amor. O problema é que Helena está à beira da morte e Inácio retorna a fazenda sem deixar endereço ou qualquer tipo de contato, enquanto Ester o espera na corte. Helena morre e sua mãe, Idalina, percebendo que a filha de Higino Ventura, Alice, está apaixonada por Inácio, consegue arrumar uma forma de separá-lo definitivamente de Ester, através de uma carta falsa de rompimento de noivado.

Apesar de ter rejeitado o mascate como genro no passado, Idalina sonha rever a herança de sua família reunida novamente nas fazendas Morro Alto e Ouro Verde. Acreditando que seu genro, Sobral, é o responsável pela má administração da fortuna que o obrigou a vender a Morro Alto, ela une-se a Ventura na tentativa de destruir o genro, tornando-se uma das principais vilãs da história, sempre movida por interesses próprios. A união de Inácio com Alice é uma forma de facilitar seus planos. Em nenhum momento, Idalina sabe o verdadeiro nome de Ester ou mesmo que a moça seja uma cortesã.

Após receber a carta de rompimento, Ester vive processo de autodestruição e tenta localizar Inácio a todo custo na tentativa de se vingar. Sem conseguir atingir seu objetivo, Ester está praticamente falida quando conhece Sobral, agora viúvo. Os dois acabam se casando na corte, sem que saibam a ligação do passado com Inácio. O problema só vai ser revelado quando o novo casal chega à fazenda. A princípio, Inácio acredita que Ester o trocou pelo pai por causa de dinheiro. Desfeito o mal entendido, o casal se reaproxima e procura um meio de contar a verdade para Sobral, mas sempre adiam a revelação por algum problema que acontece na fazenda. Por fim, eles irão acreditar que o Barão tem uma doença no coração e está com os dias contados. Quando descobrem que a doença não passa de uma farsa e que Henrique já sabia a verdade, os dois discutem com ele e vão embora da fazenda. O problema é que, nesse mesmo dia, o Barão Sobral é assassinado tornando o casal o principal suspeito.

O Assassinato

O Barão Henrique Sobral é morto no capítulo 155 com um tiro no peito, durante os festejos do noivado de Abelardo e Juliana. O tiro acontece no mesmo instante em que são disparados os fogos de artifícios da festa, que é o momento também em que Ester e Inácio fogem em uma carruagem para a corte. O casal se torna suspeito para aqueles que conhecem a história, apesar de o caráter de ambos ser um fator em prol da dúvida. Na realidade, o suspeito mais provável é Higino Ventura, desafeto declarado do Barão. Porém, o vilão estava na corte na

época, resolvendo seu processo de baronato. O que não o impede de ser mandante do crime.

O que complica a resolução do crime são as suspeitas de Mariano, médico local, de outros dois assassinatos não investigados e que podem ter ligação com o crime: o assassinato do Dr. Xavier, pai de Mariano, no capítulo 53, e do padre Olinto, no capítulo 71. Ambos morreram envenenados e veneno também foi encontrado em um copo de vinho no quarto do Barão. O assassino, então, deveria ter motivos para matar as três pessoas. Higino se tornava um suspeito ainda mais forte a partir desse raciocínio. Na noite em que Dr. Xavier morreu, ele teria passado na fazenda Morro Alto para examinar Bárbara, voltou de carona com o capanga de Higino, Vitório, e chegou à casa do Conselheiro Cantuária querendo falar com Inácio sobre uma revelação surpreendente. Já a morte do padre beneficiou Higino, pois o assassinato aconteceu na véspera do casamento de Mariano com Olívia, por quem Higino nutria interesse. A moça era uma escrava branca fugida e, até o momento, seu segredo não havia sido revelado.

Quando todas as pistas apontavam para a fazenda Morro Alto, especialmente para Higino e seu capanga Vitório, surgiu mais um indício: a fazenda dos Castro Rebelo, espaço fictício nunca mostrado em cena, mas citado em vários momentos da trama, principalmente relacionados aos crimes. Dr. Xavier estava tratando Dona Cândida na época em que morreu, assim como o padre Olinto estava voltando da extrema união dada a mesma senhora na noite em que foi assassinado. A fazenda dos Castro Rebelo também foi o último lugar onde o Barão Henrique Sobral esteve antes de chegar a sua casa para ser assassinado e ele ainda chegou querendo falar urgentemente com Alice, filha de Higino e, na época, sua nora. Por fim, nos últimos capítulos, surge uma antiga escrava da fazenda que morre de medo de Vitório.

Com tantas pistas e ligações, fica quase impossível acreditar em uma solução que não tenha ligação com Ventura e seu capanga Vitório. É quando surge a revelação surpreendente: Bárbara, esposa de Higino e alívio cômico da trama, era a verdadeira assassina. Na realidade, o Dr. Xavier não havia sido a primeira vítima. Bárbara começou sua série de assassinatos matando Helena, sua rival no amor de Higino. As demais mortes foram para encobrir essa primeira. E, analisando a telenovela após saber o desfecho da trama, podemos perceber todas as pistas que foram dadas pelos autores para essa resolução, comprovando sua boa construção.

O grande trunfo de *Força de um Desejo* foi nos apresentar uma trama de *serial killer* coerente desde o princípio, tanto que a revelação da autoria do crime foi toda ilustrada por cenas realmente exibidas durante a telenovela, poucas foram as cenas novas apresentadas. A construção era coerente, sem deixar de ser surpreendente, principalmente pelo perfil da assassina. Bárbara Ventura era o alívio cômico da trama, sua composição de personagem se assemelhava ao bobo da corte, sempre deixado de escanteio, nunca levado a sério.

Em muitos momentos, a personagem apresentou comportamentos completamente alheios à situação, até por isso, ficou tão fácil acreditar que ela seria capaz de dissimular sua verdadeira face. Analisando todos os capítulos, conseguimos acompanhar o processo de construção dessa máscara, dos momentos em que Bárbara demonstra compreender mais do que deixa transparecer e como engana a todos, até mesmo os telespectadores. É possível também perceber como as pistas dos assassinatos estão expostas de uma forma coerente, apenas não perceptível para os olhos menos atentos. Além de acompanhar a curva dramática do casal principal, Ester e Inácio, que se tornam os principais suspeitos e, assim, detetives da trama, já que a polícia não se preocupa em pesquisar novas hipóteses. Juntam-se a eles na investigação boa parte dos amigos, principalmente Mariano, Olívia e Guiomar, ajudando a criar peripécias. A morte do Barão aconteceu no capítulo 155, quase metade da trama que teve 226 capítulos no total. Houve tempo para um desenvolvimento mais elaborado da investigação, tornando a trama policial de fato importante na telenovela. Levando em consideração que as pistas já estavam sendo construídas antes disso, podemos perceber o porquê de *Força de um Desejo* ter sido um marco na narrativa policial dentro de uma telenovela brasileira.

Considerações Finais

A ideia original desta pesquisa surgiu da percepção de que a solução do enigma em *Força de um Desejo* diferencia-se das demais utilizadas em tramas policiais presentes em te-

lenovelas conhecidas que procuram apenas a surpresa em relação ao nome do assassino, sem se preocupar com a coerência interna da trama e nem em fornecer pistas sobre o crime ao telespectador durante a narrativa. Foi bom constatar que a hipótese foi confirmada após analisar a telenovela *Força de um Desejo* em seus pormenores. Uma telenovela bem feita, ainda que pouco vista e pouco lembrada, a exceção de alguns críticos e dos fãs mais fiéis.

Poder se debruçar sobre ela, desvendando as diversas nuances de sua construção narrativa foi antes de tudo um prazer. Não apenas pela paixão pela obra, mas pela paixão pelo trabalho de contar uma história. A experiência como roteirista e o repertório de conceitos e estruturas bem realizadas contribuíram para a metodologia aplicada, podendo perceber os pontos a serem destacados na análise. O enigma “Quem matou o barão Henrique Sobral?” demonstrou-se mais complexo que os demais já utilizados em telenovelas por já estar sendo construído desde o princípio dela. Além de ser essencial para narrativa, foi um ponto de virada importante na trama e estava diretamente envolvido com a resolução da trama principal e com o final feliz do casal protagonista. Além disso, a sua resolução foi coerente, tendo indícios e pistas durante toda a narrativa, ao mesmo tempo em que foi surpreendente.

A forma como a construção da trama policial se intercalava com as demais tramas também foi bem desenvolvida durante o processo. Não ficou para o último momento, nem se tornou a única trama da telenovela. Também por isso, *Força de um Desejo* foi tão bem desenvolvida. A telenovela conseguiu construir, dentro do hibridismo, os pontos de interseção da narrativa sem perder de vista a construção adequada dos respectivos programas de efeitos. Durante os nove meses em que esteve no ar, os telespectadores puderam se emocionar com um bom melodrama, divertir-se com uma boa comédia, ter medo e ficar curioso com a trama policial. Tudo de uma forma equilibrada e com coerência interna.

Importa para o público a sensação que fica em sua mente quando acaba de assistir à trama. E ao analista crítico, compreender como essa sensação foi construída a ponto do telespectador não perceber essa falha, afinal uma sensação de ter assistido a um bom produto é indício de que ali possa haver, de fato, um bom trabalho. E foi a essa conclusão que chegamos nesta pesquisa, de que a hipótese em relação a *Força de um Desejo* foi confirmada. Estamos mesmo diante de uma obra bem elaborada, com coerência interna, criatividade na construção do processo e uma resolução surpreendente.

Referências

ALBUQUERQUE, P. **O mundo emocionante do romance policial**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

ANGELO, I. **Novela das seis merecia horário das oito**. Disponível em: <http://www.esterdelamare.hpg.com.br/forca.htm> Acesso: entre janeiro e julho de 2011

ARISTÓTELES. **Poética**. (348-322A.C.) Tradução de Vincenzo Cocco. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

ARTHUR, C. **O Filme Policial**. Lisboa: Livros Horizonte, Ltda, 1990.

BARRETO, R. R. **Parceiros no clipe**. A Atuação e os estilos autorais de diretores e artistas musicais no campo do videoclipe a partir das colaborações Mondino / Madonna e Gondry / Björk. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador-BA.

BERNARDO, A., LOPES, C. **A seguir, cenas do próximo capítulo**: as histórias que ninguém contou dos 10 maiores autores de telenovela do Brasil. São Paulo: Panda Books, 2009.

BORELLI, Silvia Helena Simões. **Ação, Suspense, Emoção**. Literatura e cultura de massa no Brasil. São Paulo: EDUC, 1996.

BORGES, J.L. **O Conto Policial** – Jorge Luis Borges, cinco visões pessoais. Brasília: UNB, 1985.

BRAGA, G. **Anos Rebeldes** - os bastidores da criação de uma minissérie. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

CAMARGO, Z. **Como reconhecer uma novela de Gilberto Braga**. Disponível em: <http://colunas.g1.com.br/zecacamargo/2007/03/12/como-reconhecer-uma-novela-de-gilberto-braga/12/03/07>. Acesso em 22 de maio de 2011.

CAMPOS, F. **Roteiro de cinema e Televisão**: A arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FERNANDES, I. **Memória da telenovela brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FILHO, D. **O Circo Eletrônico** (Fazendo TV no Brasil). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FIUZA, S. (Cord.) **Autores. Histórias da teledramaturgia**. Memória Globo. Rio de Janeiro: Globo, 2008.

GOMES, G. M. das G. **Mistério e suspense na narrativa policial de Marcos Rey**. [manuscrito] / Gilda Maria das Graças Gomes. Juiz de Fora: Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2007. 83p.

GOMES, W. **A poética do cinema e a questão do método em análise fílmica**. Salvador, BA, 2003 (mimeo).

_____. **Textos de Cultura e Comunicação** - Estratégias de produção de encanto: O alcance contemporâneo da Poética de Aristóteles. Salvador: v.35, 1996.

HAMBURGER, E. **O Brasil Antenado**. A sociedade da Telenovela. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LISTA DE NOVELAS DO YAHOO. Disponível em: <http://br.groups.yahoo.com/group/novelas/> Acesso: Entre 2010 e 2011.

MAYER, C. **Quem matou ... O romance policial na telenovela**. São Paulo: Annablume, 2010.
MEMÓRIA GLOBO. **Dicionário da TV Globo**: programas de dramaturgia e entretenimento. Projeto Memória das Organizações Globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MENDES, C. F. **A gargalhada de Ulisses**. Salvador: EDUFBA, 2010.

NOGUEIRA, L. **O autor na telenovela**. São Paulo: Edusp, 2002.

ORKUT. Comunidades Força de um Desejo, Eu amo Força de um Desejo, Eu sou um personagem de novelas, Só originais de novelas. Disponível em: <http://www.orkut.com.br> Acesso entre 2010 e 2011.

OROZ, S. **Força de um Desejo**. Disponível em: <http://www.esterdelamare.hpg.com.br/forca.htm>. Acesso entre janeiro e julho de 2011.

PALLOTTINI, R. **Dramaturgia de Televisão**. São Paulo: Moderna, 1998.

REIMÃO, S. **Literatura Policial Brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

RODRIGUES, E. **Gilberto Braga fez mais uma vítima...** Site Trocando de Canal, agosto de 2011.

<http://trocandodecanal.blogspot.com/2011/08/gilberto-braga-fez-mais-uma-vitima.html>
Acesso: agosto e setembro de 2011.

ROSENFELD, A. **O teatro Épico**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

SOUZA, M. C. J. (org.). **Analisando Telenovelas**. Rio de Janeiro: E-papers, 2004b.

_____. **Telenovela e representação social**: Benedito Ruy Barbosa e a representação do popular da telenovela Renascer. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2004a.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

TRUFFAUT, F. **Hitchcock / Truffaut: entrevistas, edição definitiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

XEXÉO, A. **A Novela é eterna**. Revista Veja. Ed. 655, 25 de junho de 1981.

_____. **Janete Clair**: A usineira de sonhos, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

Recebido em 7 de agosto
Aceito em 27 de agosto